

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

Assignatura
seis centos réis
por anno

DA
Direcção do Collegio de S. Dámaso

Redacção
C. de S. Dámaso
Guimarães

Summario — A «Crença & Letras», *A Redacção* — Madona, *P.º F. J. Patricio* — O Christianismo e o tumulto, *P.º Gonçalo Alves* — Lenitivo á dôr, *A. Moreira Bello* — Lux splendens, *A. Hermano* — Uma palavra de Jesus, *P.º Manoel d'Azevedo* — Meditações, *P.º Antonio Hermano* — Letras, *A. Hermano* — Boletim do Collegio.

BOLETIM DO COLLEGIO

O Boletim

Dará conta exacta do movimento do Collegio. inserirá uteis instrucções educativas e transmitirá ás familias as resoluções da Direcção.

Os alumnos encontrarão n'elle conselhos amigos e incentivos valiosos. Publicará listas honoríficas dos mais distintos, chronicas das sessões da Associação de S. Luiz, noticias da Estudantina, notas de tudo o que por seu merito deva ter uma consignação especial.

O quadro negro

Quem passar em frente da entrada geral do salão d'estudo, poderá ver na divisória das duas portas um quadrinho esguio, que encerra uma lista tarjada:—é o purgatorio dos cabulas, dos que desperdiçam o tempo. Armado alli, na passagem

de todo o collegio, é uma verdadeira ratoeira: os professores nunca deixam de o ler e os visitantes têm a curiosidade de espreitar...

O quadro educador

Ha collegios cujas paredes são revestidas de pequenos quadros, com disticos, maximas, preceitos de educação, memorias historicas, qualquer coisa enfim, que seja um fermeno de bem ou de verdade lançado na alma assimiladora da juventude. O collegio de S. Damaso, ideou um processo mais economico, sendo a par d'isso mais util. Mandou collocar no logar mais publico da casa um quadro preto onde mandará escrever maximas, preceitos ou verdades de interesse educativo. Assim, a variedade e a novidade das verdades que successivamente forem apparecendo no *quadro educador* serão um estimulo para a attenção dos educandos.

Carteira

- Durante o mez de janeiro foi bom o estado sanitario.
- Foram expulsos dois alumnos.
- Entraram mais alumnos do novo.
- Desdobraram-se algumas aulas.
- A frequencia actual é de 462 alumnos internos.

Lista honorifica de janeiro

Merito moral :—Fernandes, M. Antunes, Amilcar, João Queiroz, Martins, A. Peixoto, Marques, Silva, Peixoto Azevedo, Maia. Lopes Leite, Albano Leite, Gonçalo Leite, Montelro, Leão, Altino, Abel Torres, Amandio, Henriques, Fernando, Sumavielle, Sol, Henrique Miranda, João Miranda, Alves Ferreira, Vieira de Castro, Sousa Moreira.

Merito litterario :—Amandio, Julio, Alb. Machado, Armindo, Fortuna, Amilcar, Abel Torres, Lopes Leite, Altino, Sol, Arnaldo, Abilio Antunes, Lopes Leite, Serafim.

A Estudantina

A Estudantina do collegio, no dia de S. Damaso executou as seguintes musicas:—*Hymno do Collegio*—*Primière* (valsa)—*Poem of Hope* (mazurka)—*F. da opera Traviata*—*Rose du printemps* (valsa)—*Flor do Tamega* (polka)—*Touza da Saudade* (valsa)—*Bouquet d'Oranger* (mazurka)—*Mia Madrel* (romanza de Luzzi).

A estudantina era composta dos seguintes alumnos; Albano de Mesquita, Nicolau d'Arrochella, Manoel Abreu, José Ribeiro, Accacio Jorge, Marques Braga, Alberto Marinho, Henrique Marinho, Arlindo Martins, Gaspar Guimarães, José Torres, Arthur Freitas.

Associação de S. Luiz

A sessão de janeiro realisou-se no dia 26 ás 6 1/2 da tarde.

Estavam presentes quasi todos os socios alumnos e professores e alguns hospedes.

Aberta a sessão pelo m. d. Presidente Nato, a estudantina do collegio executou o hymno de S. Luiz. Em seguida o rev. Hermano Amandio fez varias considerações referentes ao estado e gerencia da Associação e mandou lêr um officio, em que o

snr. presidente resignava o seu cargo em virtude de motivos particulares. Declarou, que com muita magua lhe aceitava a resignação, pois que sempre se mostrara muito devotado á Associação e desempenhara o seu logar a contento de todos.

Propóz então para a vaga o collegial Azevedo Maia, que a assembleia acceitou unanime, sendo-lhe dada a posse logo em seguida no meio d'uma entusiastica ovação. O novo presidente agradeceu a manifestação que lhe acabava de ser feita, e propóz, que na acta se lançasse um voto de sentimento pela retirada do seu antecessor.

Em seguida tomou a palavra o socio Lencastre que fallou muito bem acerca da Patria. Foi muito applaudido. O socio Albano Mesquita pediu a palavra e tomando por tema a caridade expóz em bellos quadros o que é esta sublime virtude. Eguamente applaudido. O socio Ferreira Leite dirigiu algumas palavras de elogio ao m. d. Presidente Nato. O socio rev. H. Gomes expoz as impressões que lhe causou esta sessão, e felicitou os esperançosos oradores e a estudantina, que, com muito applauso, executara varias musicas.

Paes e educadores

Para que a educação fructifique é indispensavel que os paes apoiem os educadores. Pouco poderão estes fazer se as familias os não escudam com sua confiança, com sua energia, que póde e deve coexistir com o amor.

Todavia, infelizmente, ha paes que sobrepõem o carinho mimalho ao amor autoritario e prestam insensata attenção a quantos pequeninos despitos as pobres creanças, levadas por sonhos de intempestiva liberdade, lhes choramigam aos ouvidos.

Taes creanças, se lhes faltar um grande fundo de bondade natural, estão perdidas para a educação e quasi sempre tambem para as letras.

De quem se devem ellas queixar mais tarde, quando lhes raiar na intelligencia a luz serena do bom-senso?

Dos paes!

Philos

CRENÇA . & LETRAS

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

*A Sociedade Sarmiento
Martins Sarmiento*

Q REDACTOR

P.^o Antonio Hermano

DIRECTOR DO COLLEGIO VIMARANENSE DE S. DÁMASO



4.^a SERIE



1895

**SOCIEDADE
MARTINS SARMENTO
BIBLIOTECA**



GUIMARÃES

COLLEGIO DE S. DÁMASO

1895

No Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Inv.

P.^c Senna Freitas

© primeira escriptor catholico portuguez

Op.

O Redactor.

To Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Albano Ribeiro Bellino

Distinto poeta e medico d'amigos

Op.

O Redactor.

A

“Crença & Letras”

Julgando opportuno dizer do seu programma n'esta primeira pagina da serie ora iniciada, declara:—

que não é uma publicação de combate: para a reivindicação briosa dos sãos principios religiosos na arena bella em que aureas pennas se crusam como laminas fulgurantes, ha ahi campeões de enea coiraça e já affeitos á fumarada dos combates e já com primorosa folha de serviços: a elles e toda, essa gloria ampla.

Não é tampouco uma publicação politica: não lhe é indifferente o evolucionar da nossa sociedade bem malfadada, mas vendo tão erradamente arada essa pobre lei-va, sente que a sua pequena voz se perderia inutil em meio do charivari que nos ensurdece. A outros pois fique tambem essa ingloria briga.

E' sim, uma publicação crente por completo, semeando a manso como Jesus, em paginas amenas a Verdade e o Bem.

N'este fito avança, desprendida e alegre, sem a ganancia nem a subserviencia a trava-la.

Deus generoso lhe prospere a vida!

A Redacção.

MADONA

(Excerpto d'um sermão)

Raphael d'Urbino, esse genio tão peregrino que foi honra e esplendor da arte italiana, revelou com delicadissimos primôres no celebre quadro da *Madona* tudo quanto ha de enlevadora ternura e celestial encanto na fronte serena de Maria Santissima e no rosto primaveral de Jesus.

A Mãe acaricia o Filho na etherea dedicação d'esse affecto, que foi sagrado pela acção da graça divina, o terno Infante sorri nos poeticos extasis d'esse poema de abnegação eterna a que o mundo deve a Redempção.

As correntes d'um infinito amor ligam a Mãe ao Filho, n'um vinculo de idéal piedade como a alma humana jámais sentiu, como o coração nunca pôde aspirar nos éstos da mais ardente sentimentalidade; os filtros d'uma celestial belleza traduzem no lume dos olhos e no sorriso dos labios, nas rosas das faces e no palpitar do seio um oceano de ventura que indica o prelibar das mais luzentes glorias.

Ha alli tanta doçura que enleva, como tanta castidade que edifica; ha tanto sentimento que fecunda, como tanta benção que santifica!

E porque é que assim nos impressiona tão vivamente este quadro — Jesus nos braços de sua Mãe?

E' porque ha na nossa alma uma clara e nitida comprehensão dos affectos maternas, que foram o primeiro beneficio que recebemos nos alvôres da existencia ao entrarmos no caminho da vida, pois nós sabemos pela escola da experiencia que prestigio tinha a innocencia dos primeiros annos e que fraqueza e insciencia era a

nossa, que tanto carecia dos cuidados e solitudes de nossa mãe.

Aquelle quadro espelha na theoria do nosso viver e na orientação da nossa crença um traço de purissimas affeições, cuja grandeza e intensidade conhecemos bellamente pela rememoração dos dias da infancia, em que tambem não é em vão que começamos a ouvir pronunciar com inexcedivel devoção o dôce e santissimo nome da Mãe de Deus.

Por isso a Virgem é e será sempre a mais fulgente miragem dos espiritos d'eleição e a paixão mystica das almas delicadamente sensiveis. Deus creou-a como um modelo de pureza, como um typo de perfeição.

N'aquella pureza ha todas as mysteriosas suavidades d'um idéal que nos attrahe; n'aquella santidade ha todos os convincentes motivos que nos enleiam; n'aquella perfeição ha um sonho de jubilos que nos emocionam e que veem rasgar o véo d'esse horisonte que nos acena com os gosos da eterna felicidade, que é a nossa mais calorosa aspiração!

Na *Madona* de Raphael ha arte que notavelmente releva; mas no culto que as inspirações da lé alentam e vivificam, ha um mundo de prodigiosa piedade que edifica.

Disse muito o pincel e a tela do privilegiado filho da Italia; mas muito mais ainda exprime o coração dos crentes que ajoelham reverentes e veneram dedicadamente a dôce e santa Mãe de Jesus!

Porto.

Padre F. J. Patricio.

O CHRISTIANISMO E O TUMULO

Eu queria que todos se lembrassem sempre de que um tumulo é o palacio que acolhe todos os homens depois da morte. Ahi socegam todas as ambições, extinguem-se todos os odios, desfazem-se todas as illusões, desfolham-se as setineas flôres de todas as esperanças, exhalam um ultimo echo todas as aspirações sagradas do coração humano. Um tumulo é o berço das creancinhas arrancadas impiedosamente aos braços d'uma mãe extremosa, pela morte implacavel, é o altar onde arde a lampada da fé de todas as religiões, é o cofre que guarda as palmas virentes de todos os triumphos da vida, é o livro sagrado da existencia humana aberto na pagina em que se lê: «Deus e immortalidade!» E é por isto que todos os seculos e todos os povos hão prestado culto aos tumulos.

No Egypto entre os monumentos e entre as ruinas achaes sempre um tumulo; na Judêa vel-os-heis alvejan-tes sobre os rochedos; na China encontrareis em cada jardim um Pantheon; na Grecia e em Roma marchaes ao longo das vias publicas orladas de tumulos.

Será verdade que tudo ha-de acabar-se no derradeiro alento da vida?

Mas então para que vamos nós instinctivamente cahir de joelhos sobre a pedra fria que esconde o cadaver gelado do nosso pae, do nosso irmão, do nosso amigo? Porque vamos nós constrictos e repungidos d'amargura, colher uma flôr solitaria, d'essas que rebentam por entre as fisgas das lages das sepulturas e a beijamos com os nossos labios e a humedecemos com as nossas lagrimas? Não vos parece, ó vós que tendes apagada no coração a flamma vivificante da fé, não vos parece quando avistaes um tumulo, que no vosso espirito surge uma

ideia a dizer-vos que nem tudo pôde acabar-se com a morte, no homem, que não podem estar para sempre partidos os laços que vos prendiam aos vossos queridos mortos, não vos parece mesmo que já não sentis os máos pensamentos e que o amor da virtude se accende e afervora nos vossos corações ! Ora o christianismo tem consagrado sempre aos tumulos uma veneração particular. Todos os dias no Santo e Incruento Sacrificio da Missa, representação mystica do divino e cruento Sacrificio do Calvario, a Santa Egreja, Mãe carisonho e disvellada de todos os homens, abraça n'um mesmo «memento» todos os seus filhos vivos e mortos.

Esquecer-nos-hemos nós d'aquelles a cuja memoria devemos talvez os melhores affectos do nosso coração ; o que jámais vereis é o christianismo esquecer-se d'elles emquanto puder balbuciar uma prece pela bocca dos seus sacerdotes, emquanto houver no mundo uma alampada accesa aos pés da cruz. Quando eu entro nos nossos campos-santos, e especialmente nos nossos cemiterios ruraes, inclino-me sempre reverente deante da jazida das gerações extinctas e assento-me aos pés d'uma cruz em muda contemplação, lembrando-me que tambem um dia eu irei assim repousar no silencio da terra das fadigas da existencia.

Bemdito seja o tumulo !

Altar sagrado onde se queima o incenso da nossa esperança, escada mysteriosa que nos conduz aos pés de Deus, porta que abre para as regiões do Infinito, eu sinto em minha alma uma consolação immensa quando vejo uma sepultura rasa, entrelaçada de capellas de flôres, vertendo lagrimas de saudade por aquelles chorados mortos, sobre cujo coração abrem as suas petalas odoríferas,

Bemdito seja o tumulo !

Bemdita seja a religião que o consagra e santifica !

Padre Gonçalo Alves.

LENITIVO Á DOR

Piedosos christãos, que acaso
 Ente querido choraes :
 Filha, de candura vaso,
 De virtudes geniaes ;
 Terno filho, amigo caro,
 Cujo affecto fino e raro
 Vossa ventura já fez ;
 Choraes menos, escutando
 Este factó memorando
 Das actas de Santa Ignez.

Esse intemerato lyrio
 Treze annos só floresceu,
 E o mais barbaro martyrio
 Em todo o viço o colheu,
 Porque, patricia e formosa,
 Rica e virgem fervorosa,
 Torpe pagão rejeitou,
 Pois ao divino Cordeiro
 Exclusivo, verdadeiro
 Amor de esposa sagrou.

Do transito da joven santo e pulcro
 Quasi oito dias já passados vão,
 E na gruta do frigido sepulcro,
 Velando seus chorosos paes estão.

Da noite no silencio, eis de repente,
 Perpassando atravez de grande luz,
 Viram de virgens côro refulgente,
 Em cujas vestes puro oiro reluz.

Em meio d'ellas, de oiro fulgurante
 Tambem vestida, Ignez beata vem,
 E á dextra traz cordeiro deslumbrante,
 Que mais que neve ou leite alvura tem.

Vendo tal espectáculo, assombrados
Ficam de Ignez os paes e amigos seus,
Cuidando-se da terra transportados
Ante as visões esplendidas dos céos.

A's socias pede a angelica santinha
Sustem um pouco os passos seus gentis,
Dos que a carpem extincta se avisinha,
E, em pé junto a seus paes, dôce lhes diz :

«Chorar-me como a morta,
Bem vêdes, não deveis ;
Mas antes muito importa
Que parabens me deis.

«Juntos nos alegremos,
Pois nas mansões de luz
A todas, com extremos,
Nos recebeu Jesus.

«Estou nos céos unida
A'quelle Esposo e Rei,
Que da terra na vida
Com todo o affecto amei.»

Disse com meigo olhar e angelico sorriso,
Logo desvaneceu-se a celestial visão ;
Mas deixou, ao voltar ao summo paraíso,
A' amargura dos paes suave consolação.

LUX SPLENDENS

Triumphal ha sido a romaria da civilização na Cruz nascida: os dezenove seculos que á cripta confusa do passado volveram já, são d'isso uma galharda prova.

Morto o Christo no madeiro santo surgiu logo fulgido d'auroras o magnifico sol illuminante de suas bençãos. Uma cathedral de homenagens da altura da gloria se lhe levantou garrida de epopêas, cingida de amores.

Do patibulo á glorificação?

Da ignominia do pária vil, á ara divina?!

Porque?!

Memoremos.

Aquelle quasi escravo, grilheta da calumnia, que vistes arrastar entre a canalha gosósa o madeiro pesado, ao cerro escaldado do Monte dós Supplices, era o Justo, o Messias.

Subira Elle a escarpa do fragueço em que a humanidade vive a sua dor amara.

De lá vira o homem n'uma orgia de escravidões ferinas.

Era rei, dizia-se, porque na fronte altiva fulgurava-lhe o radio da razão e no peito suspiroso o genio largo da liberdade; mas vivia na maior indigencia de felicidade: era o ilota da criação. Apertava-lhe a ossamente como giboia triturante, a espiral sacrilega de mil e uma tirannias. Soffria como soffrem os moribundos na agonia suprema: aos pés os ferros malditos; na fronte tostada, sempre em fio o suor da oppressão; na mão callosa o alvião d'um trabalho longo com a vida; ao lado o Senhor minaz como um covil, duro como as fragas do monte e ali, bem perto, terriveis como o sangue do crime, o tagante, o carcere, a cruz, as feras.

Jesus viu a desdita profunda d'aquelles por quem viera ao sacrificio e de seus labios soltou-se a indignação d'um Deus.

Eu arrasarei esse velho templo, disse, e a infamia caiu, desfez-se como no tumulto se desfaz o cadaver, e sobre os escombros do alcaçar nefando ergueu-se sem crepusculos o sol da era redemptora.

Pela primeira vez aspirou o servo condemnado o aroma subtil da liberdade.

Pela mão donosa das graças entrou no lar o Bem.

Pôde a mulher erguer para Deus o espirito nobre, compartilhar a realeza social e dizer ao esposo:—sou a tua companheira; e aos filhos:—sou a vossa mãe, o bonissimo Jesus poisou-me na frente a corôa augusta do sacerdocio, aqui entre vós, queridas mariposas da minha esperança.

O esposo viu com alegria esboroar-se o pedestal frio da sua tirannia, porque logo ao lado lhe teceu o amor o throno astral da felicidade domestica.

Os deuses ridiculos, de si proprios envergonhados, fugiram n'uma debandada cobarde a esconder-se no esquecimento.

Cahiram os templos, emmudeceram as sibillas, as aras humidas de holocaustos enuiuaram de fieis, e os sacerdotes descridos desertaram famintos.

Ao Coliseu não voltaram as feras assassinas, não voltaram os gladiadores a regalar os ocios da plebe.

Aspou-se dos codigos o regimen das castas, que fadava a uns para a ventura, relegando outros para o monturo. Jesus a todos remira, como a todos creara.

Desceu a Caridade onde a dor era mais insoffrida, beijou do moribundo a face livida, pensou carinhosa as chagas hediondas, tomou nos braços a creancinha sem mãe, amparou os velhinhos que procuram a paz da campa, esmolou os famintos, para todos os que a má sorte enjeitou teve uma lagrima, um afago, uma esperança, uma consolação amiga, como um seio de mãe.

Foi-se a Justiça ao avaro e disse-lhe: — infame, reparte esse oiro improductivo, não deixes apodrecer n'esse cofre, que te encarcera a alma vil, o pão de tantos miseros. Foi-se também á balança dos juizes, equilibrou-lhes os pratos deseguaes e bradou-lhes em nome de Jesus, que dessem a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que era de Deus. Entrou nos paços sumptuosos dos reis e a todos impoz a lei santa e suave do Evangelho: o sceptro que regeis, lhes disse, de cima vos veio: como esculcas de Jesus, como mandatarios do Omnipotente é que vós cingis o diadema com que imperaes.

Veio também a Esperança, fagueira como uma primavera e aos corações dos que a Caridade não pôde cobrir com as azas niveas, ou a Justiça, pôr oiro fio o fiel dos juizos humanos, segredou ella que no além-vida ha um Deus que tudo corrige com sua sabedoria infinita.

A. Hermano.

UMA PALAVRA DE JESUS

Sítio!

Tenho sede! Oh sede misteriosa!— Só gravando em nossos corações, com letras de fogo, a palavra — amor — é que poderemos d'algum modo sentir, senão comprehender, os misterios d'aquella sede ineffavel, que requeimava os labios de Jesus no momento solemniissimo da sua morte augustosa...

O amor! sim, que esse tem sempre razões que a razão não conhece, mas que o coração bem comprehende, como disse um genio.

O amor! sim, essa palavra tão simples, mas tão vasta ao mesmo tempo, como a idéa que exprime, tão grande, como os sentimentos que encerra, tão bella e tão formosa que não tem egual senão sua doçura...

O amor! essa palavra magica que tamanho ascendente exerce em nossas almas, e que só se faz mister pronuncial-a para fazer vibrar nos corações todas as fibras generosas...

O amor! essa palavra tão santa que seria mister a voz dos anjos para a pronunciarem na terra sem profanação...

O amor! esse elemento misterioso de tudo o que se move, lei suprema de tudo o que respira, necessidade absoluta de tudo o que sente, motor universal de tudo o que existe...

O amor! essa força occulta que tudo eleva, que tudo excede, que tudo inspira, que tudo transfigura e que de si mesma se alimenta...

O amor! essa como emanção divina, que é o ideal e a realidade e a essencia intima da vida humana, não

podia deixar de ser também o grande característico da Divindade, sobre tudo na maior e mais transcendente de suas obras, na grande obra da Redempção humana.

O amor! sim, esse amor eterno e ardente, que desde o principio sem principio abrasava o coração do Filho de Deus para resgatar o genero humano, eis a chave de todos os misterios ineffaveis, que encerra aquella palavra sublime e tão divina que só os labios de Jesus podiam pronunciar, ao voar-lhe a vida com o ultimo alento nos braços d'uma cruz!

Sitio! Tenho sede! Oh sede ineffavel! sede bemdita! sede do meu Redemptor! Era o incendio do coração que lhe escaldava os labios até o ultimo sopro de vida. Era sede ainda de mais vida, sede de mais sangue, sede de mais amor, anciando por obrigar em seu coração a humanidade inteira'atravez dos seculos e da duração, atravez do tempo e da eternidade!...

Villa-Real

P.^o Manoel d'Azevedo.

MEDITAÇÕES

O Alfabeto.

O progresso que hoje a sociedade festeja e alevanta ao soberbo Capitolio do mais alto triumpho, o progresso que ahi se recama constellado de inventos, luzente e pulchro como a torre de Pharos, o progresso que ao homem diz:—na verdade és rei! doira-te o intellecto o numen de Deus! frême-te na vontade a insuflação do infinito,—o progresso tem como parcella radix como parcella do mais descompassado vulto o numero 25! o progresso levanta-se sobre este numero como do mundo dizem os antigos que se firmava sobre as espaldas immensas do Atlas.

Não exagero! O alfabeto é a alma do progresso como a moeda é a semente da riqueza; as letras germinam as ideas como o sol fecunda o globo. A idea fixada em letras é polen, vóa na brisa, cria azas, vorboletea inquieta, poisa aqui, além, no seio fecundo de muitas intelligencias, como as abelhas beijam ageis, agora e logo, os calices doces das flores rendadas, e as edades voltam e o polen primeiro, a idea inicial germina, cresce, copa-se, opolenta-se magnifica, potente, divina, faz-se sciencia, faz-se industria, fez-se arte: *é a civilisação.*

O meridionalismo.

A boa gente lusa entre varios senões de seu feitio conserva bem avultado o do *exagero*. Aqui entre nos, amalgama inextricavel do sangue ardente do arabe audaz e do genio bom do germano fero, sobre o stractum fecundo da alma romano-celta, facilmente se leveda o fermento do enthusiasmo como se enrubece o brasume

da indignação. Temos sempre prestes a explodir, quer os jubilos supremos, quer as coleras procellosas. São miniaturas os nossos herois? liliputianos os nossos escandalos? não importa: a visão sentimental é fecunda como o sol: saca do zero e grandeza epica, de alfinetes talha obeliscos.

De tão afeitos que andamos á illusão da hiperbole mentirosa já a realidade pura, comesinha e sã, como Deus a fez e a luz a mostra, nos humilha e apouca.

Misero consolo é a mentira!

O espirito-forte.

—«Que me importa morrer? É-me indifferente cahir aqui já fulminado: com a morte tudo finda: para o de lá fica o nada, o anniquilamento».

Assim me dizia ha dois momentos um pequeno espirito-forte.

Entretanto as nuvens negras torbilhonadas pela ventania principiaram a esgrimir na altura os seus recontros procellosos a fazer ouvir estampidos medonhos e a encher o espaço com o clarão azul da electricidade.

Parecia uma ameaça de Deus!

Iamos morrer!

Mas ao lado havia um templo cujas altas torres recortadas na projecção da luz fulminadora, pareciam erguer-se para Deus como as mãos postas d'um penitente: e o meu companheiro, sentindo escancarar-se-lhe aos pés as fauces hiantes do nada para que ha pouco se sorria, foge agora, tremente, espavorido, a acolher-se ao templo bem juncto de Deus de quem blasfemou, e lavado em pranto pede em gritos o perdão e a vida.

A impiedade é cobarde!

LETRAS,

Das «Letras» que em mingua dos lazeres nos passarem por sob a vista, faremos um commento breve, tão breve, tão simples, tão desprezencioso que nem por sombras possa caber-lhe o nome de *critica*. Assim, esta penna leve rastreará umas linhas incolores, esboços tenues de impressões fugidias, de modo a ir de braço dado com o gosto dos leitores. E em boa harmonia iremos. A mim falta-me a envergadura dos sapientes lidadores da literatura e aos meus leitores a paciente bonhomia para os rufos cheios de conceitos pavoneados de sciencia.

*

Antonio Ennes, n'uma longa carta-prefacio ao livro *As Ultimas Freiras*, de Lino d'Assumpção, diz-nos em bella prosa como pensa acerca das *ordens religiosas* e seu restabelecimento. Parece-lhe difficil senão impossivel o resurgimento dos velhos institutos monasticos contemplativos e asceticos e appoia o seu asserto com alguns conceitos de que o bom-senso discorda. Ao inverso, vota franca simpatia ao que elle chama as *meias-religiões* sobretudo ás irmãs de caridade hospitaleiras e missionarias, as santas heroínas das enfermarias e dos sertões. Parecem-lhe estas mais em harmonia com a sociedade, que consagra a acção humanitaria e christã e odeia o encerro da clausura e a vida aparentemente ociosa dos contemplativos. Frisa sobretudo o celebre auctor de *Os Lazaristas*, que agora como ha vinte annos abomina as captações exercidas sobre a innocencia fraca e facil.

E' claro que o nosso pensar sobre o assumpto em questão se afasta muito do modo de vêr do Snr. Ennes.

Tambem o Snr. Lino d'Assumpção (de quem a Igreja tem recebido agravos fundos) expende as suas theorias em breves paginas empallidecidas pela visinhança das do Snr. Ennes. Se lhe fosse dado formar a seu gosto uma sociedade ideal metteria no alicerceamento este pedregulho de gesso—a plena liberdade de pensamento e de consciencia—por isso, consequente, abria as portas ás ordens religiosas.

Todavia o fero auctor de muitas coisas duras contra o clero regular, pôde dizer-se um convertido: chega a encontrar no refrigerio da clausura um remedio contra as mil brutalidades da vida. Será o primeiro estadio da estrada de Damasco? Deus o queira.

De seu amigo Ennes diverge o Snr. Lino fundamente quanto ás *meias-religiões* «que sob titulos devotos» não têm vantagens para a sociedade. Lá se avenham ; mas o conceito do conspicuo esmerilhador dos archivos parece-nos um paradoxo novissimo.

Quanto ao mais, o grosso do livro relata incidentes da historia de varios conventos em que por entre o jardim de virtudes heroicas se encontra o cardo de abusos, que deixam sempre de pé, immaculada, a grandeza da instituição.

*

Veio tambem a lume um livreco de titulo ferrabraz e retincto, mas innuoco como papel em branco. Chama-se «*os corros*» e investe contra os jesuitas.

O innocente que o ideou, quiz esmagar a Companhia e esmagou-se a si mesmo! O nome d'um auctor amarrado áquelle dislate de 200 paginas! Antes o leito de Procusto!

*

O Sr. Francisco Braga, dá-nos as suas impressões d'uma viagem á *Scandinavia*. O livro sob o ponto de vista material é bonito como um anjo, como literatura pareceu-nos correcto talvez, frouxo, sem paginas quentes que a graça e o encanto innundem levando o leitor pela mão atravez da chilreada deliciosa dos bons dictos opportunos, das obsercações incisivas, caracteristicas, que o riso acompanha de rosto alegre e galhofeiro.

*

Deu entrada no safaro meio litterario em que vegeta enfezada a lingua de Camões a «*Revista Portuguesa*». Fôra muito annunciada e esperava-se com interesse porque, como seu director, fazia as honras da apresentação um nome grande na republica dos plumitivos. Na verda le Joaquim d'Araujo é uma reputação feita. Correspondeu?

A imprensa disse á uma que sim: mas a imprensa, por seu mal, não é thermometro em que a gente se fie: diz quasi sempre que é optimo tudo o que vae á scena.

^ Por mim, como simples amator, direi que alguns artigos me pareceram bons.

A. Hermano.
